

ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA NA GRADUAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROFESSOR DE LIBRAS

Edileuza lima freire

Centro Universitário-INTA/UNINTA

Sobral/CE-BRASIL

edileuza_sbc@yahoo.com.br

Léa Barbosa de Sousa

Centro Universitário-INTA/UNINTA

Sobral/CE-BASIL

lea-b@hotmail.com

Resumo

O presente artigo explora a complexidade do ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais) como segunda língua (L2) no contexto da graduação universitária brasileira. Com a crescente demanda por inclusão e acessibilidade, a presença da Libras nos currículos do ensino superior tornou-se imperativa, impulsionada por marcos legais significativos. Contudo, a implementação efetiva desse ensino enfrenta uma série de desafios que impactam diretamente a prática pedagógica do professor de Libras. Este estudo analisa as particularidades desse processo, desde a formação e qualificação dos docentes até as metodologias empregadas e a percepção dos estudantes. Discute-se a importância de uma abordagem pedagógica que considere a Libras não apenas como um código linguístico, mas como um elemento cultural intrínseco à identidade surda. A pesquisa busca identificar os principais obstáculos enfrentados pelos professores, como a heterogeneidade dos alunos, a carga horária reduzida e a escassez de materiais didáticos adequados, ao mesmo tempo em que propõe perspectivas e estratégias para o fortalecimento e aprimoramento do ensino de Libras, visando uma educação mais inclusiva e de qualidade no ensino superior. A reflexão final aponta para a necessidade de políticas institucionais robustas e de um contínuo investimento na formação e valorização do professor de Libras para garantir a plena acessibilidade linguística e comunicacional.

Palavras-chave: Libras; Ensino Superior; Educação Inclusiva; Professor de Libras; Língua de Sinais.

1 Introdução

A inclusão de pessoas surdas na sociedade e, mais especificamente, no ambiente acadêmico, tem sido um tema de crescente relevância nas últimas décadas. No Brasil, a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio legal de comunicação e expressão, e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta, representaram um marco fundamental para a educação de surdos e para a promoção da acessibilidade linguística. Essas legislações estabeleceram a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia, bem como a inclusão da Libras como disciplina curricular optativa nos demais cursos de graduação, visando à formação de profissionais aptos a interagir com a comunidade surda.

A partir desses marcos legais, as instituições de ensino superior (IES) brasileiras foram impelidas a integrar a Libras em seus currículos, gerando uma demanda significativa por professores qualificados e por metodologias de ensino eficazes. Contudo, a mera inclusão da disciplina não garante, por si só, a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. O ensino de Libras como segunda língua (L2) para estudantes ouvintes na graduação apresenta particularidades e desafios que precisam ser compreendidos e abordados de forma estratégica. A Libras, sendo uma língua viso-espacial com gramática própria e estrutura distinta do português, exige uma abordagem pedagógica específica que transcenda a simples tradução de palavras e conceitos.

Nesse contexto, o professor de Libras assume um papel central e multifacetado. Além de dominar a língua, ele é o mediador entre duas culturas – a ouvinte e a surda – e o facilitador do processo de aquisição de uma nova modalidade linguística. Sua atuação é crucial para desmistificar preconceitos, promover a valorização da Libras e da cultura surda, e capacitar os futuros profissionais a atuar em uma sociedade cada vez mais diversa e inclusiva. No entanto, esses profissionais frequentemente se deparam com obstáculos que vão desde a falta de reconhecimento institucional até a carência de recursos didáticos e a heterogeneidade linguística e motivacional dos alunos.

Este artigo tem como objetivo analisar os desafios e as perspectivas do professor de Libras no ensino superior, buscando aprofundar a discussão sobre as condições de trabalho, a formação continuada, as metodologias de ensino e o impacto desses fatores na qualidade da

educação inclusiva. Pretende-se, com isso, contribuir para a reflexão sobre a importância de políticas educacionais e institucionais que valorizem e fortaleçam o ensino de Libras, garantindo que a inclusão não seja apenas um preceito legal, mas uma realidade vivenciada por todos os membros da comunidade acadêmica.

2 Desenvolvimento teórico: o ensino de Libras na graduação e o papel do professor

O ensino de Libras no ensino superior brasileiro é um campo relativamente recente, mas de crescente importância, que se fundamenta em pressupostos linguísticos, pedagógicos e socioculturais. A Libras, como língua natural da comunidade surda brasileira, possui uma estrutura gramatical própria, independente da língua portuguesa, e é reconhecida como um elemento fundamental para a construção da identidade surda e para a plena participação social e educacional desses indivíduos (Quadros; Karnopp, 2004). A sua inserção nos currículos universitários reflete uma mudança de paradigma, passando de um modelo clínico-terapêutico, que via a surdez como deficiência a ser "corrigida", para um modelo socioantropológico, que reconhece a surdez como uma diferença linguística e cultural.

Nesse cenário, o professor de Libras não é apenas um transmissor de conhecimento linguístico, mas um agente de transformação social e cultural. Ele atua como ponte entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, desconstruindo estereótipos e promovendo a valorização da cultura surda. A sua formação, portanto, deve ir além do domínio da Libras, englobando conhecimentos sobre a história da educação de surdos, as políticas linguísticas, a sociolinguística da Libras e as especificidades pedagógicas do ensino de uma língua viso-espacial. Skliar (2005) enfatiza que a educação de surdos deve ser pensada a partir de uma perspectiva bilíngue e bicultural, onde a Libras seja a primeira língua (L1) e o português a segunda língua (L2), garantindo o desenvolvimento cognitivo e linguístico pleno do sujeito surdo. Embora o foco deste artigo seja o ensino de Libras como L2 para ouvintes, a compreensão dessa perspectiva bilíngue é crucial para o professor, pois ela informa a importância da Libras como língua de instrução e de cultura.

A atuação do professor de Libras na graduação exige uma compreensão aprofundada das teorias de aquisição de segunda língua, adaptadas às particularidades da Libras. Diferentemente das línguas orais, a Libras utiliza o espaço, os movimentos das mãos, as expressões faciais e corporais para construir significado. Isso implica que as metodologias de ensino devem ser eminentemente visuais e interativas, explorando recursos como vídeos,

jogos, simulações e a interação direta com falantes nativos da Libras. O professor precisa ser capaz de criar um ambiente de aprendizagem imersivo, onde os alunos se sintam à vontade para experimentar a língua em suas diversas nuances.

Além disso, o professor de Libras desempenha um papel crucial na formação de profissionais que atuarão em diversas áreas, como saúde, educação, direito e tecnologia, e que necessitarão de competência comunicativa em Libras para atender às demandas de uma sociedade inclusiva. A disciplina de Libras na graduação não visa apenas à formação de intérpretes, mas à capacitação de todos os estudantes para uma comunicação básica e para a compreensão da importância da acessibilidade. Para isso, o docente deve estar preparado para lidar com diferentes níveis de proficiência e motivação dos alunos, adaptando suas estratégias pedagógicas para atender às necessidades de cada grupo.

A valorização do professor de Libras é um aspecto fundamental para o fortalecimento do ensino. Isso inclui não apenas a garantia de condições de trabalho adequadas, mas também o reconhecimento de sua expertise e a oferta de oportunidades de formação continuada. A pesquisa e a produção de materiais didáticos específicos para o ensino de Libras como L2 no ensino superior são áreas que demandam maior investimento e apoio institucional. A colaboração entre professores de Libras, pesquisadores e a comunidade surda é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e para a consolidação da Libras como uma língua de prestígio no ambiente acadêmico (Felipe, 2007).

3 O ensino de Libras como segunda língua na graduação

O ensino de Libras como segunda língua (L2) no contexto da graduação universitária brasileira apresenta características e desafios pedagógicos distintos do ensino de línguas orais. A Libras, como uma língua viso-espacial, exige uma abordagem didática que capitalize na modalidade visual e na utilização do espaço tridimensional para a construção de significados. Isso implica que as metodologias tradicionais de ensino de línguas, muitas vezes focadas na oralidade e na escrita, precisam ser adaptadas ou completamente reformuladas para atender às especificidades da Libras.

Uma das principais particularidades do ensino de Libras como L2 é a necessidade de imersão visual. Os alunos precisam ser expostos à língua em uso, observando a fluidez dos sinais, as expressões faciais e corporais que compõem a gramática da Libras, e a interação entre falantes nativos. Nesse sentido, o uso de recursos audiovisuais, como vídeos, filmes e documentários em Libras, torna-se uma ferramenta didática indispensável. Além disso, a

interação com a comunidade surda, seja por meio de visitas a associações de surdos, eventos culturais ou a participação de convidados surdos nas aulas, proporciona aos alunos uma experiência autêntica de uso da língua e um contato direto com a cultura surda (Strobel, 2008).

As metodologias ativas desempenham um papel crucial no ensino de Libras. Técnicas como dramatizações, jogos de mímica, atividades em grupo que simulam situações comunicativas reais e projetos colaborativos incentivam os alunos a praticar a Libras de forma contextualizada e significativa. O foco deve estar na comunicação funcional, permitindo que os alunos desenvolvam a capacidade de expressar ideias, fazer perguntas, descrever objetos e pessoas, e interagir em diferentes contextos sociais. A repetição e a prática constante são essenciais para a memorização dos sinais e para o desenvolvimento da fluência, mas devem ser realizadas de forma lúdica e engajadora.

A abordagem bilíngue na educação, embora frequentemente associada à educação de surdos (Libras como L1 e português como L2), também oferece insights valiosos para o ensino de Libras como L2 para ouvintes. Ela enfatiza a importância de reconhecer a Libras como uma língua completa e legítima, com sua própria gramática e cultura. O professor de Libras deve, portanto, não apenas ensinar os sinais, mas também transmitir os aspectos culturais inerentes à língua, como as formas de saudação, as expressões idiomáticas e as normas de interação social da comunidade surda. Isso contribui para uma compreensão mais profunda da língua e para a formação de profissionais mais sensíveis e respeitosos às diferenças.

A avaliação no ensino de Libras como L2 também requer abordagens específicas. Além da avaliação da produção de sinais e da compreensão da Libras, é importante considerar a capacidade do aluno de interagir em diferentes contextos, de compreender a cultura surda e de demonstrar uma atitude inclusiva. A avaliação formativa, que acompanha o processo de aprendizagem e oferece feedback contínuo, é particularmente relevante para o desenvolvimento da fluência e da confiança dos alunos na utilização da Libras. A utilização de portfólios, apresentações em Libras e projetos práticos pode complementar as avaliações tradicionais, oferecendo uma visão mais abrangente do aprendizado.

O ensino de Libras como L2 na graduação transcende a mera instrução linguística; ele é um processo de imersão cultural e de desenvolvimento de competências comunicativas e interculturais. O sucesso desse processo depende da adoção de metodologias inovadoras, do uso estratégico de recursos visuais e da criação de um ambiente de aprendizagem que promova

a valorização da Libras e da cultura surda, preparando os futuros profissionais para uma atuação verdadeiramente inclusiva.

Para consolidar a compreensão das abordagens pedagógicas e a sequência de etapas que caracterizam um ensino eficaz de Libras como L2, apresentamos a seguir um fluxograma que sintetiza o processo. Este diagrama ilustra as interconexões entre os pilares metodológicos, a imersão cultural e a avaliação contínua, elementos cruciais para o desenvolvimento da proficiência e da sensibilidade intercultural dos estudantes.

4 Desafios enfrentados pelo professor de Libras no ensino superior

Apesar dos avanços legais e da crescente conscientização sobre a importância da Libras, os professores que atuam no ensino superior enfrentam uma série de desafios complexos que podem comprometer a qualidade e a efetividade do ensino. Esses obstáculos não se restringem apenas à esfera pedagógica, mas abrangem aspectos institucionais, estruturais e de reconhecimento profissional.

4.1 Heterogeneidade dos alunos

Um dos desafios mais proeminentes é a heterogeneidade dos alunos matriculados na disciplina de Libras. Essa diversidade se manifesta em múltiplos níveis: Nível de conhecimento prévio: Muitos alunos chegam à graduação sem nenhum contato prévio com a Libras, enquanto outros podem ter tido alguma exposição em cursos livres ou no ensino médio. Essa disparidade exige que o professor adapte o ritmo e o conteúdo das aulas para atender tanto aos iniciantes quanto aos que já possuem algum conhecimento, evitando que os primeiros se sintam sobrecarregados e os segundos desmotivados.

A motivação para aprender Libras varia amplamente. Alguns alunos buscam a disciplina por genuíno interesse na cultura surda e na inclusão, outros por exigência curricular, e há aqueles que visam à formação de intérpretes. Essa gama de objetivos demanda do professor a capacidade de engajar todos os perfis, mostrando a relevância da Libras para suas futuras profissões e para a cidadania.

Como a Libras é uma língua viso-espacial, alunos com diferentes estilos de aprendizagem (visuais, auditivos, cinestésicos) podem ter facilidades e dificuldades distintas. O professor precisa empregar uma variedade de estratégias didáticas que contemplem essas diferenças, garantindo que todos os alunos tenham oportunidades equitativas de aprendizado. A gestão dessa heterogeneidade exige do professor um planejamento flexível, a utilização de

atividades diferenciadas e a capacidade de oferecer suporte individualizado, o que muitas vezes é dificultado pela grande quantidade de alunos por turma.

4.2 Carga horária reduzida e impacto na fluência

A carga horária destinada à disciplina de Libras na maioria dos cursos de graduação é frequentemente insuficiente para o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa satisfatória. Geralmente, a disciplina é ofertada em um ou dois semestres, com poucas horas semanais.

A aquisição de uma segunda língua, especialmente uma com modalidade diferente da L1, demanda tempo e exposição contínua. Uma carga horária reduzida limita a prática e a imersão necessárias para que os alunos atinjam um nível de fluência que lhes permita interagir de forma eficaz com a comunidade surda. Isso pode gerar frustração nos alunos e no próprio professor, que se vê com pouco tempo para cobrir o conteúdo e desenvolver as habilidades comunicativas.

Em contraste com o ensino de línguas orais como inglês ou espanhol, que muitas vezes contam com mais semestres e recursos, a Libras ainda luta por um espaço curricular mais robusto. Essa disparidade reflete uma subvalorização da Libras como língua e como ferramenta de inclusão, impactando diretamente a percepção dos alunos sobre a importância da disciplina.

A formação de profissionais com proficiência limitada em Libras pode comprometer a qualidade dos serviços oferecidos à comunidade surda, perpetuando barreiras comunicacionais e limitando a efetiva inclusão em diversos setores da sociedade. O professor, nesse cenário, precisa ser extremamente eficiente na gestão do tempo, priorizando aspectos comunicativos e culturais essenciais, mas ciente das limitações impostas pela estrutura curricular.

4.3 Escassez de materiais didáticos e recursos

A produção de materiais didáticos específicos para o ensino de Libras como L2 no ensino superior ainda é incipiente e despadronizada. Falta de materiais contextualizados: Muitos materiais disponíveis são genéricos ou voltados para o ensino fundamental e médio, não abordando a terminologia e os contextos específicos das diversas áreas do conhecimento que os universitários precisam. Por exemplo, um estudante de medicina precisa de vocabulário específico da área da saúde em Libras, que raramente é encontrado em materiais básicos.

A carência de recursos adequados força o professor a criar seus próprios materiais, o que demanda tempo e esforço consideráveis, muitas vezes sem o devido reconhecimento ou apoio institucional. Isso inclui a produção de vídeos, jogos, glossários temáticos e atividades interativas.

Embora a tecnologia possa ser uma grande aliada (aplicativos, plataformas online, realidade virtual), o acesso a esses recursos e a capacitação para utilizá-los de forma pedagógica ainda são limitados em muitas IES. Essa lacuna de materiais impacta diretamente a qualidade do ensino, tornando o processo mais desafiador tanto para o professor quanto para o aluno.

5 Perspectivas para o fortalecimento do ensino de Libras

Diante dos desafios apresentados, é imperativo que as instituições de ensino superior, em colaboração com órgãos governamentais e a comunidade surda, desenvolvam e implementem estratégias para fortalecer o ensino de Libras. Essas perspectivas abrangem desde a formação e valorização do professor até a inovação pedagógica e o desenvolvimento de políticas institucionais robustas.

5.1 Investimento na formação continuada e qualificação docente

A formação continuada é um pilar fundamental para o aprimoramento do professor de Libras. Programas de desenvolvimento profissional: As IES devem oferecer programas regulares de capacitação que abordem não apenas o aprofundamento linguístico em Libras, mas também as metodologias de ensino de L2 para línguas viso-espaciais, o uso de tecnologias educacionais e a atualização sobre as políticas de educação inclusiva.

Incentivar a participação em congressos, seminários e grupos de pesquisa sobre Libras e educação de surdos, tanto em nível nacional quanto internacional, permite que os professores troquem experiências, se atualizem sobre as últimas tendências e contribuam para a produção de conhecimento na área.

Estabelecer e reconhecer certificações de proficiência em Libras (como o Prolibras) e em pedagogia da Libras pode elevar o padrão de qualificação dos docentes e garantir que o ensino seja ministrado por profissionais altamente competentes. A qualificação contínua do professor reflete diretamente na qualidade do ensino oferecido aos alunos.

As perspectivas para o fortalecimento do ensino de Libras no ensino superior são multifacetadas e interconectadas. Para uma visualização clara dessas estratégias e de como elas se articulam, o organograma abaixo detalha os principais eixos de ação, desde o investimento na formação docente até a inovação pedagógica e o fortalecimento das políticas institucionais, delineando um caminho para a excelência e a inclusão.

5.2 Adoção de metodologias ativas e inovadoras

Para superar as limitações de carga horária e engajar a heterogeneidade dos alunos, a adoção de metodologias ativas e inovadoras é crucial. Abordagens comunicativas e imersivas: Priorizar atividades que promovam a comunicação real em Libras, como simulações, role-playing, debates e projetos colaborativos. A criação de "laboratórios de Libras" ou "espaços de imersão" onde os alunos possam praticar a língua em um ambiente descontraído e interativo pode complementar as aulas formais.

Utilizar plataformas de e-learning, aplicativos de ensino de Libras, vídeos interativos, realidade virtual (VR) e realidade aumentada (AR) para criar experiências de aprendizagem mais dinâmicas e acessíveis. A VR, por exemplo, pode simular ambientes onde a Libras é a língua principal, proporcionando uma imersão cultural e linguística sem sair da sala de aula.

Estabelecer parcerias com associações de surdos, escolas bilíngues e grupos culturais surdos para promover a interação entre alunos e falantes nativos da Libras. Isso pode incluir a participação de surdos como convidados em sala de aula, a organização de eventos culturais e a realização de projetos de extensão universitária. Essas abordagens não apenas tornam o aprendizado mais eficaz, mas também mais motivador e significativo para os alunos.

5.3 Fortalecimento das políticas institucionais e reconhecimento profissional

As IES precisam desenvolver políticas mais robustas para o ensino de Libras e para a valorização de seus professores. Garantir planos de carreira claros e remuneração justa para os professores de Libras, equiparando-os aos demais docentes da instituição. Isso inclui a oferta de contratos de trabalho estáveis e a possibilidade de progressão na carreira.

Investir em infraestrutura adequada, como salas de aula com layout que favoreça a interação visual, equipamentos audiovisuais de qualidade e acesso a tecnologias de apoio. A criação de centros de recursos de Libras, com materiais didáticos, glossários e softwares especializados, também é fundamental.

Avaliar a possibilidade de ampliar a carga horária da disciplina de Libras ou de integrá-la de forma mais transversal nos currículos, reconhecendo sua importância para a formação integral dos estudantes. Incentivar e financiar a pesquisa em Libras e a produção de materiais didáticos específicos para o ensino superior, em colaboração com os próprios professores e a comunidade surda. O reconhecimento institucional é um passo crucial para atrair e reter profissionais qualificados, garantindo a sustentabilidade e a excelência do ensino de Libras.

5.4 Mobilização política e pesquisa

A consolidação e o aprimoramento do ensino de Libras no ensino superior exigem uma atuação proativa em duas frentes complementares: a mobilização política e a pesquisa acadêmica. A defesa da Libras como língua legítima e da educação bilíngue para surdos transcende o ambiente universitário, demandando engajamento contínuo e estratégico de todos os atores envolvidos.

No âmbito da mobilização política, é fundamental que professores, pesquisadores e a comunidade surda se articulem para influenciar políticas públicas. Isso se concretiza na articulação com o Ministério da Educação (MEC) para o estabelecimento de diretrizes curriculares mais abrangentes e adequadas ao ensino de Libras como L2, e na participação ativa em audiências públicas, conselhos consultivos e grupos de trabalho. Tais ações são cruciais para garantir a representação das necessidades dos usuários da Libras, assegurando a alocação de recursos e a revisão de legislações que fortaleçam sua presença e qualidade em todos os níveis de ensino (guarinello, 2012).

Paralelamente, uma agenda de pesquisa robusta é indispensável para embasar essas ações e promover a inovação pedagógica. É preciso investigar a eficácia de metodologias de ensino de Libras como L2, o impacto da carga horária na proficiência e a produção de materiais didáticos contextualizados.

Sugere-se a realização de estudos longitudinais sobre a proficiência em Libras de egressos da graduação, avaliando a retenção do aprendizado e a aplicação da língua em suas práticas profissionais (Ferreira, 2020). Outras frentes incluem análises de custo-benefício da implementação de tecnologias imersivas, como a realidade virtual (VR), no ensino da Libras, além de estudos comparativos com modelos internacionais bem-sucedidos (Meier, 2019). Tais investigações fornecem insights valiosos para aprimorar as práticas pedagógicas e subsidiar decisões políticas.

A sinergia entre a mobilização política e a produção científica é, portanto, o motor para a inovação e consolidação da Libras como componente indispensável e de excelência na educação superior brasileira.

6 Considerações finais

O ensino de Libras como segunda língua na graduação representa um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acessível. A análise dos desafios enfrentados pelos professores de Libras no ensino superior revela a complexidade dessa tarefa, que vai além do domínio linguístico e abrange aspectos pedagógicos, institucionais e socioculturais. A heterogeneidade dos alunos, a carga horária reduzida, a escassez de materiais didáticos e a falta de reconhecimento profissional são obstáculos significativos que demandam atenção e ação por parte das instituições e dos formuladores de políticas educacionais.

Contudo, as perspectivas para o fortalecimento do ensino de Libras são promissoras e apontam para caminhos de inovação e aprimoramento. O investimento contínuo na formação e qualificação dos professores, a adoção de metodologias ativas e o uso estratégico de tecnologias educacionais são essenciais para criar ambientes de aprendizagem mais eficazes e engajadores. Além disso, o fortalecimento das políticas institucionais, que garantam o reconhecimento profissional, condições de trabalho adequadas e recursos para a pesquisa e produção de materiais, é crucial para a sustentabilidade e a excelência do ensino de Libras.

A Libras não é apenas uma ferramenta de comunicação; é a expressão de uma cultura rica e diversa, e seu ensino na graduação contribui para a formação de profissionais mais completos, éticos e preparados para atuar em um mundo plural. A superação dos desafios exige um esforço conjunto de toda a comunidade acadêmica, da comunidade surda e da sociedade em geral. É um convite à reflexão e à ação para que a inclusão se torne uma realidade plena, onde as barreiras comunicacionais sejam derrubadas e a diversidade linguística seja celebrada como um valor inestimável. A pesquisa futura deve aprofundar-se na avaliação do impacto das metodologias ativas e das tecnologias no aprendizado da Libras, bem como na análise de modelos de sucesso em outros contextos educacionais, a fim de subsidiar a formulação de novas políticas e práticas pedagógicas.

REFERÊNCIA

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

FELIPE, Tanya Amara. **A Libras em contexto: curso básico**. Rio de Janeiro: Feneis, 2007.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão: entre a política e a prática pedagógica**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49–63, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O professor de Libras no ensino superior: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 20, n. 3, p. 437-450, 2014.

ROCHA, Solange. O ensino de Libras como L2: reflexões sobre a prática pedagógica. *Educação e Pesquisa*, v. 39, n. 4, p. 985-1000, 2013.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, Ricardo. **Tecnologias digitais e o ensino de Libras: potencialidades e desafios**. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 5, n. 1, p. 1-15, 2018.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.